

# ASPIRIT ANIMAS

Nascidos na Selva

1

LEIA O LIVRO  
JOGUE ONLINE



Brandon Mull

FUNDAMENTO



# 1 BRIGGAN

**C**aso pudesse escolher, Conor não teria decidido passar o aniversário mais importante de sua vida ajudando Devin Trunswick a se vestir. Honestamente, ele não se teria oferecido a ajudar Devin Trunswick a fazer nada, nunca.

Porém, Devin era o filho mais velho de Eric, o conde de Trunswick, e Conor era o terceiro filho de Fenray, um pastor de ovelhas. Fenray tinha dívidas com o conde, e Conor estava ajudando a saldá-las como criado de Devin. O arranjo se iniciou cerca de um ano antes e deveria transcorrer por cerca de mais dois anos.

Conor teve que prender cada fivela ridícula nas costas do casaco de Devin corretamente, caso contrário, as pregas penderiam tortas, e ele seria censurado durante semanas. O tecido refinado era mais decorativo do que prático. Se surpreendido por uma tempestade, Conor sabia que Devin desejaria ter escolhido um casaco mais simples e durável, sem fivelas, que decididamente o mantivesse aquecido.

– O que você tanto remexe aí atrás? – Devin perguntou, exasperado.

– Desculpe pela demora, Milord – Conor respondeu. – Aqui há 48 fivelas. Agora estou fechando a quadragésima.

– Quantos dias mais isso vai demorar? Estou prestes a morrer de velhice! Você está inventando esses números?

Conor resistiu a proferir uma resposta ríspida. Crescer contando ovelhas provavelmente lhe ensinou a lidar com números melhor do que

Devin. Mas discutir com um nobre causava muitos problemas e não valia a pena. Às vezes, Devin parecia provocá-lo intencionalmente.

– Não devo estar errando por muito.

A porta se abriu bruscamente e Dawson, o irmão mais novo de Devin, irrompeu no aposento.

– Devin, você ainda está se vestindo?

– Não é minha culpa – Devin protestou. – Conor fica cochilando.

Conor apenas lançou um rápido olhar para Dawson. Quanto antes terminasse com as fivelas, mais cedo o deixaria pronto.

– Como Conor poderia adormecer? – Dawson replicou, rindo. – Irmão, tudo o que você diz é muito interessante.

Conor resistiu a exibir um sorriso. Dawson raramente parava de falar, com frequência chegava a ser aborrecido, mas às vezes podia ser muito engraçado.

– Estou acordado.

– Você ainda não terminou? – Devin reclamou. – Quantas faltam?

– Cinco – Conor respondeu, desejando dizer 20.

– Você acha que vai invocar um espírito animal, Devin? – Dawson indagou.

– Não vejo por que não – Devin respondeu. – Vovô invocou um mangusto, e papai, um lince.

Aquele era o dia da Cerimônia do Néctar de Trunswick. Em menos de uma hora, as crianças locais que haviam completado 11 anos naquele mês tentariam invocar um espírito animal. Conor sabia que algumas famílias costumavam formar laços bestiais com mais regularidade que outras. Mesmo assim, chamar um espírito animal nunca era garantido, não importa qual fosse o nome da família. Apenas três crianças estavam programadas para tomar o Néctar, e as chances eram de que nenhuma delas teria êxito. Certamente, era um fato do qual não era possível se vangloriar antes que ocorresse.

– Que animal você acha que vai conseguir? – Dawson perguntou.

– O seu palpite é tão bom quanto o meu – Devin disse. – O que você acha?

– Um esquilo – Dawson previu.

Devin investiu contra o irmão, que saiu correndo e riu. Dawson não estava vestido tão formalmente quanto o irmão mais velho, o que lhe conferia liberdade de movimentos. Contudo, Devin logo o alcançou e o derrubou, prendendo-o ao chão.

– Um urso seria mais adequado – Devin disse, apertando o cotovelo no peito do irmão. – Ou um gato selvagem, como nosso pai. A primeira coisa que vou fazer é deixá-lo provar você.

Conor tentou esperar com paciência. Não era sua função intervir.

– Talvez você não consiga nada – Dawson retrucou, corajoso.

– Então vou ser apenas o conde de Trunswick, e seu senhor.

– Não se nosso pai viver mais do que você.

– Eu tomaria cuidado com a língua, segundo filho.

– Estou feliz por não ser você.

Devin torceu o nariz do irmão até ele gritar e se levantou, limpando o pó das calças.

– Pelo menos não estou com o nariz machucado.

– Conor também vai tomar o Néctar! – Dawson gritou. – Talvez seja ele quem vai chamar um espírito animal.

Conor tentou parecer invisível. Será que esperava invocar um espírito animal? Claro! Quem não esperaria? Não se podia deixar de ter esperanças. Só porque ninguém em sua família havia conseguido realizar o feito desde um obscuro tio-bisavô décadas atrás, não queria dizer que era impossível.

– Certo – Devin riu. – E suponho que a filha do ferreiro também vai invocar um.

– Nunca se sabe – Dawson retrucou, sentando-se e esfregando o nariz. – Conor, o que você gostaria de ter?

Conor olhou fixamente para o chão. Um nobre lhe tinha feito uma pergunta direta, portanto tinha que responder.

– Eu sempre me dei muito bem com cães. Acho que eu gostaria de um cão pastor.

– Um cão seria divertido – Dawson falou.



– E comum – Devin acrescentou. – Quantos cães você tem, Conor?  
 – Minha família? Na última vez que contei, eram dez.  
 – Quanto tempo faz que você não vê sua família? – Dawson quis saber.

Conor tentou manter a voz firme.

– Mais de seis meses.

– Eles vão vir hoje?

– Espero que tentem. Vai depender de eles poderem se afastar. – Ele não queria revelar que se importava no caso de não conseguirem vir.

– Isso seria muito incomum para você – Devin resmungou. – Quantas fivelas faltam?

– Três.

Devin se virou.

– Não vamos perder tempo. Já estamos nos atrasando.



Um impressionante grupo se reunia na praça. Não era todos os dias que o filho de um poderoso senhor buscava o seu espírito animal. Plebeus e nobres – velhos, jovens e de meia-idade. Músicos tocavam, soldados andavam empertigados e um mascate vendia nozes caramelizadas. Uma tribuna foi erguida para o conde e sua família. Segundo Conor, parecia que um feriado fora decretado. Um feriado para todos, menos para ele. O dia estava frio e claro. As colinas verdejantes onde ele preferiria estar vagando assomavam ao longe, atrás dos telhados azuis e chaminés de Trunswick.

Conor assistira a algumas cerimônias do Néctar. Ele nunca havia testemunhado o chamado de um espírito animal, embora soubesse que acontecera várias vezes nessa praça durante a sua vida. Houve pouca ostentação nas cerimônias a que assistiu. Nenhuma delas teve um público significativo e nenhuma envolveu tantos animais.

Acreditava-se que reunir uma grande variedade de animais aumentava a chance de chamar um espírito animal. Nesse caso, Devin certamente teria sorte. Havia muitos animais domésticos presentes, e Conor



também viu gaiolas cheias de pássaros com plumagem exótica, um curral com cervos e alces, diversos gatos selvagens engaiolados, um trio de texugos em um engradado e um urso negro acorrentado a um poste por uma coleira de ferro. Havia até um animal de que Conor somente ouviu falar em histórias – um imenso camelo com duas corcovas peludas.

Enquanto Conor caminhava para o centro da praça, a multidão de espectadores o deixou inibido. Ele não sabia bem o que fazer com as mãos. Deveria cruzar os braços ou deixá-los pender ao lado do corpo? Enquanto examinava a multidão intimidante, tentou se lembrar de que a maioria dos olhares estava fixa em Devin.

De repente, Conor notou a mãe acenando. Seus irmãos mais velhos e também o pai estavam ao lado dela. Eles até haviam trazido Soldado, seu cão pastor preferido.

Todos conseguiram vir! Vê-los dissipou parte de seus receios e despertou as saudades de casa – campos para perambular, riachos para nadar, pequenos bosques para explorar. Seu trabalho ao ar livre era simples – cortar lenha, tosar carneiros, alimentar cães. A casa era pequena, mas aconchegante, nada parecida com a imensidão fria do castelo do conde. Conor deu um pequeno aceno para a mãe.

O futuro conde de Trunswick seguiu à frente até um banco perto do centro da praça. Abby, a filha do ferreiro, aguardava-os, sentada quieta, parecendo impressionada. Era evidente que estava usando suas melhores roupas, ridiculamente inferiores até mesmo ao vestido mais simples da mãe ou da irmã de Devin. Conor sabia que ele também deveria estar parecendo modesto comparado a Devin.

Um par de Casacos Verdes se encontrava diante do banco. Conor reconheceu a mulher, Isilla, com os cabelos grisalhos presos em uma rede brilhante acima do rosto pálido. Seu pintassilgo, Frida, estava empoleirado em seu ombro. Normalmente, Isilla oficiava as cerimônias do Néctar. Ela dera o Néctar a dois de seus irmãos.

O outro Casaco Verde era um estranho, alto e magro, de ombros largos e feições tão descoradas quanto o casaco. Sua pele era mais escura do que a das pessoas ao seu redor, como se tivesse vindo do noroeste



do Nilo ou do sudoeste de Zhong – era uma aparência incomum no centro de Eura. Seu animal não estava visível, mas Conor notou o sinal de uma tatuagem entrando, sinuosa, sob a manga. A visão lhe provocou um arrepio. Ela indicava que o espírito animal do estranho estava hibernando em seu braço.

Abby se levantou e fez uma mesura quando Devin se aproximou do banco. Ele se sentou e fez sinal para que Conor o imitasse. Conor e Abby se sentaram.

Isilla ergueu as mãos para silenciar a multidão. O estranho recuou, deixando-a ser o centro das atenções. Conor se perguntou por que o homem viera. O garoto concluiu que, juntamente com o resto da pompa, deveria ser outro gesto de reconhecimento para o elevado status de Devin.

Isilla começou com uma voz penetrante:

– Ouçam todos, ouçam todos, bom povo de Trunswick! Diante dos olhos do homem e da besta, estamos hoje aqui reunidos a fim de participar do mais sagrado ritual de Erdas. Quando humanos e animais se unem, sua grandeza se multiplica. Viemos testemunhar se o Néctar revelará tal grandeza em algum desses candidatos – lorde Devin Trunswick, Abby, filha de Grall, e Conor, filho de Fenray.

Os vivas após a menção do nome de Devin encobriram os outros dois nomes. Conor tentou permanecer impassível. Se permanecesse sentado e calmo, logo tudo iria estar terminado. Devin tomaria o Néctar primeiro, no lugar de honra. Acreditava-se que provavelmente o primeiro a tomar o Néctar em uma cerimônia chamaria um espírito animal.

Isilla se inclinou a fim de erguer um frasco fechado, cujo couro era trabalhado com desenhos intrincados. Após levantar o frasco acima da cabeça para exibi-lo aos espectadores, ela o abriu.

– Devin Trunswick, aproxime-se.

A multidão assobiou e aplaudiu quando Devin se aproximou de Isilla e então se aquietou quando ela pousou o dedo sobre os lábios. Devin se ajoelhou diante dela, algo que Conor raramente via. Nobres de



Eura só se ajoelhavam diante de nobres de Eura mais importantes. Os Casacos Verdes não se ajoelhavam diante de ninguém.

– Receba o Néctar de Ninani.

Conor não conseguiu evitar a inquietação quando o frasco foi inclinado na direção dos lábios de Devin. Aquela talvez fosse a primeira ocasião em que iria testemunhar a invocação de um espírito animal vindo do desconhecido! Com todos aqueles animais presentes, como o Néctar poderia falhar? Conor se perguntou que aparência a criatura teria.

Devin engoliu. Isilla recuou. Um profundo silêncio recaiu sobre a praça. De olhos fechados, Devin inclinou o rosto para o céu. Passou-se um momento vazio. Alguém tossiu. Nada extraordinário estava acontecendo. Perplexo, Devin olhou em volta.

Conor ouviu dizer que o espírito animal se apresentava imediatamente após o Néctar ser tomado, ou não viria nunca. Devin se ergueu e girou o corpo em um círculo completo, os olhos procurando. Não havia sinal de que algo estivesse aparecendo nas proximidades. A multidão começou a murmurar.

Isilla hesitou, observando a tribuna, e Conor acompanhou seu olhar. O conde estava sentado no trono, sombrio, o lince ao seu lado. Embora ele tivesse chamado um espírito animal, decidiu não usar o casaco verde.

Isilla olhou para o Casaco Verde desconhecido e este concordou com um leve gesto de cabeça.

– Obrigado, Devin – ela disse. – Abby, filha de Grall, adiante-se.

Devin parecia constrangido. O olhar estava inexpressivo, mas a postura denunciava sua humilhação. Ele olhou furtivamente para o pai e depois para o chão. Quando tornou a erguer os olhos, sua expressão tinha endurecido, a vergonha se transformando em fúria. Conor desviou o olhar. Seria melhor evitar a atenção de Devin por algum tempo.

Abby bebeu e, como Conor esperava, nada ocorreu. Ela voltou ao banco.

– Conor, filho de Fenray, adiante-se.



Conor sentiu um calafrio de nervoso ao ouvir seu nome. Se Devin tinha falhado em chamar um animal, Conor duvidava que tivesse alguma chance. Mesmo assim, tudo podia acontecer. Nunca tantos olhos ficaram atentos a sua pessoa. Ele se levantou e tentou ignorar a multidão, concentrando-se em Isilla. A tática não chegou a funcionar.

Se nada acontecesse, ao menos seria interessante descobrir o sabor do Néctar. Seu irmão mais velho o comparou a leite de cabra azedo, mas Wallace gostava de brincar. Outro de seus irmãos, Garrin, achou-o idêntico à sidra de maçã. Conor passou a língua nos lábios. Qualquer que fosse o sabor, provar o Néctar marcaria oficialmente o final de sua infância.

Conor ajoelhou-se diante de Isilla. Ela o fitou com um sorriso estranho e com a curiosidade oculta atrás do olhar. Teria ela olhado para os outros dessa forma?

– Receba o Néctar de Ninani.

Conor tocou o frasco que lhe era oferecido com os lábios. O Néctar era espesso como xarope, excessivamente doce, como fruta com mel. A consistência se tornou mais líquida depois de chegar à boca. Ele engoliu. O sabor era surpreendente! Melhor do que qualquer coisa que já tinha provado.

Isilla afastou o frasco antes que ele pudesse apossar-se de outro gole. Um gole seria tudo que tomaria. Conor se levantou a fim de retornar ao banco, e uma sensação ardente e fervilhante se espalhou por seu peito.

Os animais começaram a se manifestar. Os pássaros soltaram gritos estridentes. Os gatos selvagens urraram. O urso rugiu. O alce revelou-se com alarido. O camelo resfolegou e pisoteou o chão.

O solo começou a tremer. O céu escureceu, como se uma nuvem veloz tivesse alcançado o sol. Um lampejo brilhante perfurou a escuridão como um raio, mas muito mais próximo do que qualquer raio que Conor já vira, mais próximo até do que quando viu uma árvore sendo atingida do alto de uma colina que estava escalando.

Os espectadores abafaram uma exclamação e murmuraram. Atordoado pelo lampejo, Conor piscou repetidamente a fim de



acomodar a vista. Um formigamento quente se espalhou do peito até os membros. Apesar da estranheza do momento, ele se sentiu irracionalmente feliz.

E então ele viu o lobo.

Como muitos dos pastores de ovelhas da região, Conor teve experiências com lobos. Alcateias de lobos surrupiaram muitas ovelhas sob sua guarda. Lobos mataram três de seus cães preferidos ao longo dos anos. Gado perdido para lobos era o principal motivo pelo qual seu pai havia se endividado com o conde. E, naturalmente, houve aquela noite, dois anos antes, em que Conor e os irmãos enfrentaram uma alcateia agressiva que tentava apanhar ovelhas no cercado no pasto.

Agora, o maior lobo que já estava a sua frente, de cabeça erguida. Era uma criatura notável – pernas longas, bem alimentado, com o mais belo pelo cinza-branco que Conor poderia ter imaginado. O garoto observou as patas imensas, as garras longas, os dentes selvagens e os olhos de um fantástico azul-cobalto.

“Olhos azuis?”

Na história de Erdas, apenas um lobo tinha olhos de um azul tão profundo.

Conor olhou para a bandeira euraniana que pendia da tribuna do conde. Briggan, o Lobo, a besta-patrono de Eura, estava retratado na bandeira azul, olhar perspicaz e atento.

O lobo andou para frente com calma, parando diretamente diante de Conor. Ele se sentou, cão treinado se rendendo ao amo. Sua cabeça se erguia acima da cintura do garoto. Com os músculos tensos, Conor resistiu ao impulso de se afastar. Em outras circunstâncias, ele fugiria do animal ou gritaria com ele. Atiraria pedras ou se muniria de um bastão forte para se defender. Mas aquele não era um encontro fortuito na floresta. Todo o seu corpo formigava, quase vibrava, e centenas de pessoas observavam. Aquele lobo havia saído do nada!

O lobo olhou para ele, confiante. Embora grande e forte, o animal parecia ter controle total sobre si mesmo. Conor ficou admirado por um predador como ele lhe mostrar tamanho respeito. Os olhos azuis



sinalizavam uma compreensão maior do que qualquer outro animal poderia possuir. O lobo esperava por algo.

Conor estendeu a mão trêmula e a língua quente do animal acariciou-lhe a palma. O toque foi elétrico e o formigamento no peito do garoto cessou de imediato.

Por um instante, Conor sentiu coragem, lucidez e vivacidade como nunca tinha sentido. Sentiu o cheiro do animal com os sentidos aguçados e, de alguma forma, soube que era um macho e que o considerava como a um igual.

E então o estranho momento de ampla percepção passou.

Apesar dos numerosos indícios, foi a expressão no rosto de Devin Trunswick que mostrou a Conor o que ocorreu. Nunca antes ele fora vítima de tamanha fúria e inveja. Ele havia chamado um espírito animal!

E não apenas um espírito animal qualquer. Um lobo. Ninguém fazia surgir lobos! Briggan, o Lobo, foi uma das Grandes Feras, e todos sabiam que espíritos animais nunca pertenciam à mesma espécie. Isso simplesmente não acontecia.

Contudo, aconteceu. Inegavelmente, inexplicavelmente, aconteceu. Um lobo adulto estava roçando a palma da mão de Conor com o focinho. Um lobo com olhos de um azul profundo.

A multidão perplexa permaneceu em silêncio. O conde se inclinou para frente, atento. Devin fervia e a boca de Dawson mostrava um sorriso de espanto.

O estranho de casaco verde se aproximou e tomou a mão de Conor.

– Eu sou Tarik – o homem disse em voz baixa. – Vim de muito longe para encontrar você. Fique junto de mim e não irei permitir que nenhum mal lhe aconteça. Não vou pressioná-lo para fazer os seus votos antes de estar pronto, mas você precisa ouvir tudo o que tenho para lhe dizer. Muito depende de você.

Conor concordou, entorpecido. Era muita coisa para digerir.

O Casaco Verde desconhecido ergueu a mão de Conor para o alto e falou com voz potente:

– Bom povo de Trunswick! As notícias desse dia irão ecoar por toda Erdas! Nesse momento de necessidade, Briggan retornou!

